


[resenhas]





Em torno de Sophia Jobim e os estudos de história da moda

Around Sophia Jobim and fashion history studies

Mara Rúbia Sant'Anna¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9101-5800>

Resenha de: VOLPI, Maria Cristina; OLIVEIRA, Madson de (orgs.). Estudos de indumentária e moda no Brasil: tributo a Sophia Jobim. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2019.

FIGURA 1 – CAPA DIGITAL DO LIVRO



FONTE: BAE, Natalia. Capa. Foto de Valéria Abdalla do quadro a óleo de Ladislau Burjan. Acervo Museu Histórico Nacional. Rio de Janeiro: MHN, 2019. Imagem obtida mediante impressão de tela do documento.

¹ Doutora em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Professora efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina. E-mail: mara.santanna@udesc.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/894904241227782>.

O livro *Estudos de indumentária e moda no Brasil: tributo a Sophia Jobim*, com um simpático formato quadrado, 142 páginas, foi publicado em 2019 sob os auspícios do Museu Histórico Nacional (MHN). Nove pesquisadores brindam os leitores com seus textos, resultantes das apresentações realizadas em 27 de setembro de 2016, durante evento de mesmo título e organizado pelo Núcleo Interdisciplinar de Estudos da Imagem e do Objeto (NIO), pertencente ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – Escola de Belas Artes – Universidade Federal do Rio de Janeiro (PGAV/EBA/UFRJ). O acontecimento mencionado foi acompanhado de uma exposição da coleção Sophia Jobim realizada nas dependências do MHN, museu para o qual foi doado o rico acervo da primeira professora de indumentária da Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro.

O volume está organizado em três seções temáticas. A primeira, *Estudos de História*, reuniu as reflexões de Maria do Carmo Rainho e de Fernando Hage, em que são refletidas concepções e produções acadêmicas e bibliográficas sobre os estudos históricos da moda no Brasil. Na segunda parte, *Narrativas expositivas*, Alessandro Bucci, Renata Pitombo Cidreira e Frederico Pernambucano Mello fazem apreciações sobre exposições de acervos têxteis, tanto em sua versão museológica dentro e fora do Brasil, como em sua condição de vitrina e texto jornalístico. A última seção, de maior extensão, nomeada com o subtítulo do livro, colocou em discussão os trabalhos dos pesquisadores promotores do evento: Maria Cristina Volpi, Fausto Viana, Madson de Oliveira e Cláudia de Oliveira.

Começando pela síntese para depois detalhar as contribuições, nossa resenha aponta para a necessidade urgente de colocar Maria Sofia Jobim Magno de Carvalho (1904-1968) entre as pesquisadoras pioneiras nos estudos do vestuário, do traje e da indumentária em terras brasileiras. Muito se tem citado e recitado as contribuições e o pioneirismo de Gilda de Mello e Souza (1919-2005), contudo, se considerarmos a atuação docente, a reivindicação persistente de inclusão no ensino universitário da história da indumentária e, ainda o acervo/legado de Sophia Jobim, sem dúvida, ela causou impacto em algumas gerações de figurinistas e, talvez, mesmo nas possibilidades de os cursos superiores de Moda surgirem 20 anos após seu falecimento.

Sophia Jobim, como assinava artisticamente, defendeu a expressão *indumentária histórica* a fim de delimitar com clareza as fronteiras dos estudos que realizava. Não desejou que suas pesquisas fossem simplificadas ao lado da História da Arte e nem colocadas a par da formação dos profissionais de Artes Decorativas, que as reformas de Fléxa Ribeiro introduziram na Escola Nacional de Belas Artes, em 1948. De sua atitude aguerrida e de sua desenvoltura como pesquisadora incansável, tendo realizado inúmeros cursos no estrangeiro que ainda hoje dão inveja aos professores de História da Moda, Sophia Jobim cunhou com seu brilhantismo um lugar de respeito ao estudo do vestuário, em uma época na qual todo o universo feminino era entendido como banal e, tidas como próprio dele, as preocupações com a Moda.

Ler o livro em questão, que sintetiza as diversas pesquisas produzidas até o presente sobre o rico acervo de Sophia Jobim, conservado pelo Museu Histórico Nacional, é quase uma obrigação dos beneficiários desse legado: os contemporâneos professores e estudantes de História da Moda e, mesmo, os profissionais do design de moda e congêneres.

A despeito da discordância acadêmica de vários pontos do livro, como o uso indiscriminado do termo indumentária como sinônimo de quase tudo (moda, roupa, traje), empregado por Sophia Jobim e adotado pela maioria de seus pesquisadores, garanto que a leitura dos textos produz nos historiadores da moda uma instigante vertigem: a de se sentir herdeiro de uma luta e comprometido com um devir crítico, dialético e, necessariamente, desapegado das elites, das grifes e de todo preconceito que os pares universitários impõem com seu desprezo a quem pesquisa a história da moda.

Estudos de História: Rainho e Hage

Dois pesquisadores simpáticos e produtivos. Um do Rio de Janeiro, outro do Pará. Uma, doutora em História filiada ao Museu Histórico Nacional, com publicação de seus trabalhos de mestrado e doutorado; ele, ainda em formação, desde muito apaixonado pelo conterrâneo João Affonso do Nascimento e seu livro, tão antigo como interessante, *Três séculos de modas* (1923), publicado em Belém do Pará.

Ela, Maria do Carmo Rainho apresenta o levantamento cuidadoso da produção acadêmica realizada no Brasil, dividindo sua exposição em duas partes, a primeira “abrange de modo mais amplo as investigações pioneiras realizadas no país, a produção editorial em torno do tema e o contexto da expansão do campo” (RAINHO, 2019, p. 13) e, a segunda, trata de uma relação, não exaustiva, mas interessante, de dissertações e teses defendidas no campo da História.

Após listar inúmeros títulos bastante conhecidos, citados com frequência na produção acadêmica brasileira em torno da temática da moda, e, igualmente várias pessoas, com predominância das que fizeram suas pós-graduações no eixo Rio-São Paulo, Maria do Carmo Rainho conclui seu texto *A roupa e a moda como objetos: um balanço historiográfico* alertando para temas “carentes de um olhar mais acurado” (RAINHO, 2019, p. 25), como criadores de moda nacionais por um viés analítico e não elogioso; história das dinâmicas do setor empresarial da moda; a moda de praia tão badalada e pouco analisada; a moda masculina em sua dimensão simbólica e mesmo de produção; os costumes vestimentares dos grupos marginalizados e não apenas das elites e, disto resultaria, uma reflexão sobre outros séculos e não apenas o XIX e parcela do XX. Por fim, Rainho relembra o caráter transdisciplinar da pesquisa em Moda e a necessidade de ultrapassar de vez narrativas históricas centradas na busca de semelhanças ou distâncias entre os usos e costumes da Europa para o Brasil.

Fernando Hage, ao remontar a história que propiciou a composição do livro de João Affonso, considerando as influências recebidas e as condições de difusão da obra, por sua vez, enfatiza a dependência da historiografia europeia na pesquisa e nas conclusões do

autor, como também o reabilita, dando-lhe créditos de autenticidade, quando desenhou e descreveu as características do parecer da crioula do Maranhão, da preta mina e da mulata paraense por entender que, nesse esforço, João Affonso deu conta de identificar, nos trajes daquelas figuras regionais, “origens na cultura miscigenada de índios, negros e brancos, atrelados à interferências da moda francesa” (HAGE, 2019, p. 37). Ao considerar João Affonso como também um pesquisador e historiador da moda no Brasil pioneiro, Fernando Hage justifica a necessidade de manter-se o livro e sua dimensão histórica em pauta nas pesquisas da atualidade.

Assim, uma terceira figura subiu ao panteão: Gilda, Sophia e João Affonso.

Narrativas expositivas: Bucci, Cidreira e Mello

Uma dama e dois cavalheiros compõem a segunda parte do livro. Cada um com percursos muito distintos, escritas particulares e argumentos que vão da narração à especulação teórica.

Bucci realizava, na ocasião da escrita, doutorado em História da Arte e Design no Edinburgh College of Art, no Reino Unido. Certamente, envolvido por suas pesquisas, o autor apresentou rico levantamento de exposições realizadas com a temática da moda nas últimas décadas, a partir dos anos 1940, considerando o Hemisfério Norte e suas instituições museológicas consagradas. Em meio às citações, ele problematizou as curadorias realizadas e apontou o gradativo abandono de uma abordagem linear e historicista do vestuário, para um trabalho mais crítico, entendido como “um processo analítico que visa fazer o artefato de moda se comunicar com o ‘mundo’ ao seu redor” (BUCCI, 2019, p. 51). Tais investimentos permitem ao expectador uma experiência mais crítica com o passado, com seu próprio corpo e sua aparência. Além das propostas curatoriais diferenciadas, Bucci também atrela os avanços nos estudos sobre a moda ao amadurecimento das pesquisas no campo da semiótica e da crítica literária, colocando em pauta mais os usos e as recepções dos artefatos de moda do que uma suposta relação direta e causal dos objetos de moda com a realidade histórica que os produziu.

Renata Pitombo Cidreira, em um investimento teórico de compreensão e aplicação das ideias de Jauss (1994, 2002), Iser (1996, 1999) e Ricoeur (1986, 1997), trata da teoria estética, da estética da comunicação e o campo da moda a partir da análise de fotografias tomadas de duas vitrinas de famosa rua de Barcelona e de um texto jornalístico de Fernanda Jacob (2016). De forma sucinta, como o tanto de páginas lhe permitiu, a pesquisadora baiana passa por importantes teóricos para enfatizar que os estudos de moda devem preocupar-se com os sentidos desencadeados na exibição das mercadorias ou dos textos de moda, pois, efetivamente, seria mediado por tais recepções e efeitos que o produto abandona sua materialidade para se constituir em agente de sentidos dos sujeitos no mundo. Em seus termos: “É preciso ressaltar que entendemos texto e vitrina enquanto dimensões expressivas;

e, ambos os casos procuramos identificar a força de um acontecimento (*Ereignis*) que se dá com alguém por intermédio deles” (CIDREIRA, 201, p. 59).

Por último, nessa seção, Frederico Pernambucano Mello fascina seu leitor/ouvinte por sua maneira de escrever/falar. A eloquência do texto escrito é de tamanha sedução que me flagrei imaginando sua voz, seu gestual e sua entonação ao ler o texto. O dom que o tempo dá a quem bem aprendeu fazer da escrita a fala domesticada dos sentidos.

Como bom sedutor, começa Mello falando de sua trajetória pela Fundação Joaquim Nabuco, em Recife, nos anos 1970. Dessa narrativa descobre-se como foi composta sua coleção de trajes do cangaço, os caminhos que ela fez da Mostra do Redescobrimento (Fundação Bional, 2000) ao Museu Fitzwilliam e, especialmente, nos deparamos com sua reflexão sobre os imbricados enredos históricos do cangaço, Nordeste, opressão, resistência e sobre a *Estética dos guerreiros do sol*.

Mello esmiúça as questões sociológicas da própria coleção em oito pontos, indo da condição de conservação à produção afim de evidenciar que não se tratam apenas de artefatos realizados por um bando de *foras da lei*, mas, efetivamente, meios de acesso à compreensão de seu funcionamento e articulação com a sociedade do passado e do presente. Assim, analisando os artefatos raros e as histórias que os envolvem, Mello conclui que foi abrindo para além do cangaço os próprios objetos dele recolhidos que se tornou possível “abrigá-lo com maior precisão, o conceito do irredentismo do cangaço” (MELLO, 2019, p. 73).

Tributo a Sophia Jobim: Volpi, Viana, Oliveira e Oliveira

Encerrando o livro, os pesquisadores que estão atrelados à Escola de Belas Artes do Rio de Janeiro como professores efetivos, ou por terem realizado seu pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – Universidade Federal do Rio de Janeiro (PP-GAV/UFRJ), falam sobre seus estudos a respeito da professora, figurinista, pesquisadora e indumentarista, como preferia ser chamada, Sophia Jobim.

Maria Cristina Volpi dá abertura relatando, criticamente, o percurso de constituição da especialização *Indumentárias*, uma das dez ofertadas para o estudante do curso de Artes Decorativas, após a realização de um primeiro ano com disciplinas gerais vinculadas à arte ornamental. Na continuidade, detalha como Sofia Jobim foi se profissionalizando e adquirindo experiência para adentrar no ensino universitário na função de professora “auxiliar do ensino superior” e, posteriormente, enfrentou os desafios para estabelecer, solidamente, o estudo da indumentária como algo fundamental na formação do profissional do setor. Nesse ponto, Volpi traz nas entrelinhas de seus relatos uma importante questão, ainda bastante enfrentada por todos que pesquisam a moda: a impertinência da Artes em admitir, entre seus temas de estudo, a Moda, relegando-a ao campo das artes menores. Em tempos nos quais a Arte Contemporânea se coloca em permanente desconstrução, como meio de dialogar com a realidade social, é no mínimo incoerente a aversão que os programas de pós-graduação, como os even-

tos científicos e as publicações acadêmicas, das artes e das ciências humanas sentem e como tratam com desconfiança os pesquisadores da moda e seus escritos e resultados.

Enfim, concluiu Volpi, o sucesso da protagonista se deve à origem familiar e aos círculos sociais que frequentou como filha da elite de sua época, mas, igualmente, à sua disposição empreendedora, manifestada na escola fundada e mantida por 22 anos, independentemente de muitos outros compromissos profissionais e das viagens longas que realizou. Além desses aspectos, são louváveis o esforço e a determinação constante em buscar o conhecimento, seja por cursos, seja por compra, tradução e síntese de livros sobre o assunto. Nos termos de Volpi: “[tudo isso] contribuiu para fortalecer em Sofia a convicção da necessidade e da importância do estudo do vestuário no âmbito das belas artes” (VOLPI, 2019, p. 89).

O segundo trabalho da última seção é de Fausto Viana, que realizou pós-doutoramento em Artes sob a supervisão de Maria Cristina Volpi. O autor empenhou-se em organizar os cadernos de Sophia Jobim, o que resultou no livro *Dos cadernos de Sophia: desenhos e estudos de História da Moda e da Indumentária* (2015). No texto em questão, Viana faz um apanhado das obras que foram encontradas nos manuscritos de Sophia Jobim e as que foram inumeradas por James Laver para a exposição *The Literature of Fashion*, em 1947. A partir disso, adentra com a discussão da predominância dos autores masculinos na listagem apresentada e pontua, em seguida, algumas ideias sobre a pouca presença de autoras femininas no trato do tema indumentária. Para finalizar, Viana transcreveu um glossário de termos sobre as condições de gênero, publicados por uma revista popular, em 2015, e tentou estabelecer alguma conexão com a pluralidade da questão identitária do gênero com a discussão da moda. Finalizando, recupera Sophia Jobim das primeiras páginas.

Madson de Oliveira, em uma escrita preocupada com a clareza, dedicou-se em comparar duas pastas de aulas realizadas por Sophia Jobim sobre o *Lendário Egito*. Além de detalhar as 11 folhas que compõem o material, Madson identificou os originais copiados ou levemente adaptados dos seguintes livros: *Ancient Egyptian, Mesopotamian & Persian costume and decoration* (1954), *Costumes of all nations* (1903) e *Le costume: les armes, les bijoux, la céramique, les utensiles, outils, mobiliers etc. – chez les peuples anciens et modernes* (1890). Todavia, o que mais surpreende saber sobre a professora Sofia Jobim é que ela “dividia seus estudos no tripé tradição, símbolo e moda” (OLIVEIRA, 2019, p. 116), por entender que havia diferentes categorias do vestuário na relação com as sociedades e épocas, sendo que a “tradição” mantinha o traje em sua forma por se constituir em uma marca de pertencimento; o “símbolo” por ultrapassar a materialidade dos elementos isolados e se fixar na expressão da ideia e, por fim, “moda”, que era flexível ao tempo e aos estilos, servindo como ponto de apoio para a compreensão histórica das sociedades.

Para fechar o livro, a professora Cláudia de Oliveira colocou em pauta a condição feminina, a história de vida e a participação de Sofia Sophia Jobim nos movimentos feministas de sua época. De maneira crítica, acurada e com uma escrita de fácil compreensão, Cláudia associou Sofia ao culto à domesticidade feminina, consolidado na sociedade burguesa

cunhada a partir da revolução industrial no século XVIII da Europa e fartamente adaptado na sociedade patriarcal, latifundiária e elitista do Brasil. Remontando a origem de filha de juiz de direito e neta de senador representante dos interesses estancieiros do Rio Grande do Sul, casada com importante funcionário público da Central do Brasil, Sofia Jobim é analisada como obediência e resistência em sua trajetória. Se por um lado, como filha da elite ilustrada teve acesso à educação e ao direito de ter uma profissão, professora secundarista, e, inclusive, realizar um curso suplementar na Inglaterra em pleno anos 1920, antes mesmo de se casar, a mulher Sofia Jobim não se afastou muito do espectro de legitimidade do feminino: professora, casada e afeita à benemerência, o que justifica sua atuação no Clube Soroptimista Brasileiro, entre 1940 a 1950. Se compartilhou da companhia de Berta Lutz e teve negócio próprio como o Liceu Imperial, destinado à educação feminina das artes do corte e costura, lamentou, declaradamente, a impossibilidade biológica de ser mãe. Como disse Oliveira: “Ela parecia um ser andrógino, a quem era preciso conjurar, desmentir e redefinir tão logo essa atribuição se expressasse nos discursos a respeito de seus feitos” (OLIVEIRA, 2019, p. 140).

Concluindo o livro, em sua derradeira página, a última autora faz um argumento que fecha seu texto, mas, igualmente, sobremaneira, sugere uma maneira crítica e dialética de investigar a história da moda:

Sophia deixou um legado que nos aponta o modo como as trajetórias individuais – masculina ou feminina – são complexas, heterogêneas e contraditórias. O que está em jogo nessas trajetórias é a mediação, que se manifesta na capacidade de transitar e, em situações específicas, desempenhar o papel de mediador entre distintos grupos, redes e códigos. (OLIVEIRA, 2019, p. 142).

Terminamos a resenha, lembrando que também o livro se tornou mediador entre o passado, práticas, trajetórias e vida de Sophia Jobim com o presente, em que exposições, teóricos, ensinamentos e tantos outros pesquisadores e trajetórias oferecem outros rumos para a história da moda no Brasil e no mundo. Boa leitura.